



ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE



48º CONSELHO DIRETOR

60ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL

Washington, D.C., EUA, 29 de setembro a 3 de outubro de 2008

CD48/DIV/7
ORIGINAL: PORTUGUÊS

**DISCURSO DO GANHADOR DO PRÊMIO ABRAHAM HORWITZ
PARA LIDERANÇA INTERAMERICANA EM SAÚDE 2008,
DR. CESAR VICTORA**

**Discurso do ganhador do Prêmio Abraham Horwitz
à Liderança em Saúde Interamericano 2008,
Dr. Cesar Victora, ante o 48.º Conselho Diretor,
60.^a sessão do Comitê Regional**

Washington, D.C, USA, 29 de setembro de 2008

Dra. Margaret Chan, Dra. Mirta Roses, colega e companheiro da saúde pública Temporão, diretoria da PAHEF, meu amigo Benjamin Caballero, autoridades, senhoras e senhores,

É um grande privilégio estar aqui hoje e receber o prêmio Abraham Horwitz. Por dois motivos principais: porque o Dr. Horwitz era igualmente proeminente no campo da nutrição e da epidemiologia, que são exatamente as mesmas áreas em que eu trabalho. Ele disse uma vez, a solução para os muitos problemas de saúde das Américas serão encontrados usando os métodos epidemiológicos. Eu concordo totalmente. Quando aliada à vontade política a epidemiologia pode fazer uma grande diferença para a saúde das populações.

Eu encontrei o Dr. Horwitz apenas dois ou três vezes quando eu era membro de um comitê assessor de pesquisa em saúde da OPAS. E o Dr. Horwitz, apesar de já aposentado, participava das reuniões. Mas eu li muito dos seus trabalhos, e eu tomo a liberdade de pensar como o Dr. Horwitz estaria vendo hoje a questão da saúde nas Américas. E meditar um pouco sobre esse tema.

Tenho certeza de que o Dr. Horwitz estaria extremamente orgulhoso do rápido progresso que muitos dos nossos países estão fazendo, inclusive meu próprio país, no sentido de alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (MDG). A nossa região, em grande parte, devido ao trabalho da OPAS, e ao legado do Dr. Horwitz, está no rumo certo para alcançar, em sua maioria dos países estes objetivos de reduzir a prevalência de desnutrição, de reduzir a mortalidade materna e infantil, de controlar HIV/AIDS.

Eu tive o privilégio de já ter trabalhado em mais de 40 países na América, na Ásia e na África, e de coordenar uma série de artigos da revista *Lancet* sobre sobrevivência infantil, da qual saiu um processo de monitoração das metas dos Objetivos do Milênio que se chama «Countdown to 2015» (contagem regressiva para o ano 2015). Neste processo nós monitoramos 68 países em todo o mundo para ver em que medida esses países estão alcançando progresso. E a boa notícia para nós americanos é que a maioria dos nossos países estão tendo um progresso adequado nesse sentido. Por exemplo, o meu país, o Brasil, já alcançou dois das metas: da mortalidade de crianças e da subnutrição em crianças também. Em 2007 nós já atingimos 2 das metas previstas para 2015.

A má notícia é que grande parte dos países do mundo estão bastante atrasados em termos de alcançar essas metas. E provavelmente não as alcançarão a não ser que haja grandes investimentos financeiros e em recursos

humanos, investimentos da magnitude que nós estamos vendo ultimamente, por exemplo, no setor financeiro. Com investimentos deste tamanho nós poderíamos, sem dúvida alguma, atingir as metas em praticamente todo o mundo.

No espírito da solidariedade global eu proponho que nós, da América Latina e do Caribe, que temos uma experiência positiva em atingir essas metas, possamos ajudar nossos irmãos da África, da Ásia, daqueles países que estão tendo maiores dificuldades em alcançar o progresso na saúde de mães e de crianças e de doenças infecciosas. Porque nós temos uma experiência recente em atingir essas metas. E por este motivo mesmo, temos condições excepcionais de ajudar a outros países que estão enfrentando dificuldades. Por exemplo, os nossos sucessos com amamentação, com vacinação, com rehidratação oral, com água e saneamento, podem contribuir para que nós ajudemos efetivamente a outros países do mundo a alcançarem também esses objetivos.

No entanto, o Dr. Horwitz, sem dúvida, estaria feliz com os nossos sucessos, mas por outro lado eu tenho certeza de que ele estaria muito preocupado com as desigualdades entre países, entre regiões do mesmo país e entre grupos sociais dentro de cada um dos nossos países da América Latina e do Caribe. A nossa população, em geral, tem bom acesso a serviços de saúde, mas a qualidade do serviço varia marcadamente entre os grupos sociais. Mas do que qualquer outra organização regional, a OPAS tem colocado a equidade como um objetivo fundamental da saúde nas Américas. Mas por outro lado, mesmo apesar de termos colocado a equidade num ponto central, ainda temos muito que alcançar nesse sentido de trazer a todos os americanos um nível justo e adequado de saúde.

Nos últimos 10 anos, economistas e epidemiologistas têm desenvolvido novos métodos para avaliar iniquidades. Não apenas em termos do impacto geral sobre esses problemas de saúde, mas também sobre os diferentes grupos atingidos. Por exemplo, programas como o Sistema Único de Saúde no Brasil, o Programa de Saúde da Família, também no Brasil, o programa Progres – Oportunidades no México, o sistema peruano de implementar vacinas inicialmente nas áreas mais pobres do país e somente depois trazê-las para as áreas mais ricas: são todos exemplos de programas que têm surtido efeito e reduzidos desigualdades. Eu faço um apelo aos ministros de saúde e outras autoridades aqui presentes para colocarem a equidade como um ponto central das nossas políticas de saúde, ao planejar, monitorar e avaliar nossas atividades.

Se o Dr. Horwitz ainda estivesse conosco, eu tenho certeza que ele estaria envolvido em ajudar-nos a combater a dupla carga da desnutrição que, por um lado, tem a subnutrição nas áreas pobres e por outro lado, o excesso de peso e obesidade que inicialmente atingia a população mais rica, mas atualmente já está também se tornando uma doença dos pobres na nossa região. Um dos estudos que eu tive oportunidade de fazer e que o Dr. Benjamin lembrou, foi um estudo em que acompanhamos, durante 25 anos, 6.000 pessoas nascidas na cidade de Pelotas, em 1982. Aliás, o Dr. Horwitz ajudou a publicar esse

estudo em inglês, um livro da série PALTEX, que foi criada pelo Dr. Horwitz e que lançou o livro chamado *Epidemiologia da Desigualdade*. Esse livro mostra como é importante o período intra-uterino e os dois primeiros anos de vida para determinar toda a vida de um indivíduo. E alguns dos achados mais dramáticos mostram como a desnutrição no início da vida seguida pelo excesso de peso, pela obesidade na adolescência traz uma carga enorme de doenças crônico-degenerativas para essas pessoas assim afetadas. Nós não acabamos com a questão da desnutrição, nós mudamos a natureza do problema.

Finalmente, o Dr. Horwitz estaria certamente preocupado com os problemas crescentes das doenças crônicas complexas da nossa população idosa, que é o assunto que ele mesmo pesquisou na última fase se sua vida acadêmica, e da epidemia de mortes violentas, assim como as doenças emergentes, re-emergentes e persistentes, como a dengue, a tuberculose e outras doenças infecciosas.

A pesquisa na saúde pública não é um esforço individual mas é um esforço coletivo. Eu recebo esse prêmio, não em meu nome próprio, mas em nome de meus colegas da Universidade Federal de Pelotas, da comunidade brasileira da saúde pública, representada pela ABRASCO, órgão que nos congrega, e portanto aceito este prêmio em nome de toda a comunidade que tem realizado esforços tão grandes para melhorar a saúde da população brasileira e, indiretamente, latino-americana.

Gostaria de concluir com uma citação do Dr. Horwitz sobre um problema nutricional ao qual ele dedicou sua carreira: a vitamina A. Falando sobre a deficiência dessa vitamina, ele disse: «Este problema é imoral porque ignora direitos humanos básicos e é inaceitável porque é prevenível».

Muito obrigado.

- - -